

OS JOGOS DE FUTEBOL “PRETO X BRANCO” E A DRAMATIZAÇÃO DA QUESTÃO RACIAL NO BRASIL

Recebido em: 27/07/2011

Aceito em: 30/11/2011

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão
Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix
Belo Horizonte – MG – Brasil

Antonio Jorge Gonçalves Soares
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

RESUMO: Na São Paulo do Século XX teve início duas festividades vivenciadas no plano do lazer que tem em comum o fato de opor brancos e pretos, mediados por uma partida de futebol. O objetivo deste artigo é compreender os significados da idealização destes dois rituais de futebol conhecidos como os jogos do “Preto X Branco”. Interpretando-o a partir da perspectiva das teorias das dramatizações e da ideologia (DAMATTA, 1990) chegou à conclusão que o ritual do “Preto X Branco” condensa as relações raciais na cultura brasileira reproduzindo-as e colocando-as em destaque através do futebol. Apesar de seus diferentes contextos históricos, as festividades em torno dos jogos convergiam em torno de um valor: destacar a integração entre brancos e não brancos e lembrar que o racismo no país da miscigenação fere um dos valores da brasilidade.

PALAVRAS CHAVE: Futebol. Atividades de Lazer. Preconceito.

THE “BLACK X WHITE” SOCCER GAMES AND THE DRAMA OF RACISM IN BRAZIL

ABSTRACT: In the city of São Paulo by the twentieth century two festivals were held having as their main goal leisure that have in common the fact that whites oppose and black, mediated by a football match. The purpose of this article is to understand the meanings of these two rituals of idealized soccer games known as the “Black X White”. Interpreting it from the perspective of theories of drama and ideology (DAMATTA, 1990) came to the conclusion that the ritual of “Black X White” condenses race relations in the Brazilian culture, reproducing and highlighting them through soccer. Despite their different historical contexts, the festivities surrounding the game converged in around a value: highlight the integration between whites and nonwhites and remember that racism in the country of miscegenation states against one of the values of Brazilianness.

KEYWORDS: Soccer. Leisure Activities. Prejudice.

Na São Paulo do Século XX teve início duas festividades vivenciadas no plano do lazer que tem em comum o fato de opor brancos e pretos, mediados por uma partida de futebol. O primeiro desenvolveu-se em São Paulo, 39 anos após o fim da escravidão, promovido pela Liga de Amadores de Futebol¹ (LAF) – uma instituição dissidente do futebol paulista. Esse jogo consistia em uma partida de futebol entre jogadores autodeclarados pretos e brancos na comemoração do dia “13 de Maio”.

Realizados com toda pompa que merecem os grandes cerimoniais nacionais, esses eventos singulares idealizados para celebrar a emancipação política dos escravos refletiam as demandas daquele contexto histórico. Uma partida festiva de futebol disputada entre uma equipe de jogadores pretos e outra equipe composta por jogadores brancos dramatizava os dilemas identitários daquele período acerca das raças naquela ordem pós-escravocrata, momento em que o Brasil republicano buscava a afirmação de sentidos e símbolos de coesão social que constituíam imagens sobre o ser brasileiro.

Tais partidas ocorreram no contexto pós-abolição, entre os anos de 1927 até 1939, ou seja, paralelamente às interpretações nacionalistas sobre a mestiçagem, na fase da implantação da República revelando as representações sobre as “raças” em uma sociedade que passava a ser constrangida pelos códigos de uma ordem liberal. Em

¹ A LAF surgiu em 1926, oriunda de uma dissidência do Paulistano, que, visando uma renovação de seus hábitos e costumes, resolveu se desligar da APEA, instituição que naquela ocasião deliberava sobre os rumos do futebol paulista. Ainda preso ao amadorismo e à elitização do esporte, o Paulistano propôs a criação da LAF com o objetivo de renovar os ares da política esportiva, pois, segundo a visão desse clube, imperava nos clubes filiados à APEA a indisciplina, a “politicagem” e o falso amadorismo. O “falso amadorismo”, marco da “transição” do amadorismo para o profissionalismo, foi a justificativa para que o Paulistano propusesse, em 1926, a fundação da LAF.

função disso, receberam uma rica gama de significados sobre o debate racial na sociedade brasileira.

O outro “Preto X Branco”, ainda que tenha o mesmo nome e realizado na mesma cidade, não possui nenhum vínculo com o primeiro evento. Há, entre ambos, um hiato de 32 anos e os protagonistas desse segundo evento desconhecem a existência do primeiro². Esse evento acontece a 38 anos, no bairro São João Clímaco, em um dos domingos que antecedem ao Natal. São jogos de futebol vivenciados no plano do lazer por equipes compostas por jogadores que se autodeclaram “pretos” contra outras compostas por jogadores que se autodeclaram “brancos”. No dia comemorativo ocorrem, em média, quatro jogos, em que os jogadores participantes são divididos em função da idade e de critérios técnicos. Denominado pelo próprio grupo de “encontro entre amigos Preto X Branco”, como se pôde ler em faixas e canecas de chope alusivas ao evento, esses jogos de futebol contêm todos os ingredientes do “futebol de várzea”.

O objetivo deste artigo é compreender os significados sobre a idealização destes dois rituais de futebol conhecidos como os jogos do “Preto X Branco”.

Ambos os eventos assumem características próximas de um ritual e oferece um cenário privilegiado para observação dos dramas relativos à discussão sobre as “raças” através de uma modalidade esportiva profundamente vinculada ao plano do lazer, ao modo de vida e às tradições da cultura brasileira. Em virtude dessas características, estes eventos proporcionam, guardadas as demandas de cada contexto histórico que motivaram as suas respectivas idealizações, um cenário fértil para a ebulição de diferentes significados que enriquecem a discussão sobre o debate racial na sociedade brasileira.

² Pelo menos foi isso que pôde se concluir a partir da pesquisa de campo realizada em função da tese de doutorado “O ‘Preconceito de marca’ e a ambiguidade do ‘racismo à brasileira’ no futebol”. Ver Abrahão (2010).

O racismo não opera de uma forma homogênea em todas as sociedades. Assim como não existem “bons” ou “maus” racismos é necessário compreendermos que, diferente de outros países, no Brasil, o racismo desenvolveu características e especificidades próprias. No espaço do futebol tais características, frutos de contextos histórico-sociais específicos, proporcionaram a idealização de partidas dessa natureza cujo principal atrativo seria a oposição em função da disputa, sem fins lucrativos, de um jogo de futebol entre autodeclarados pretos e brancos.

Desse modo, longe de ser um limite, o futebol parece-nos um espaço propício para investigar as relações raciais na cultura brasileira na medida em que, a partir do ritual do jogo, é possível perceber como se condensam e se manifestam sentimentos e valores que, na dinâmica da sociedade brasileira, seriam censurados pelo medo de represálias morais e legais. No plano esportivo as representações socialmente construídas sobre a “raça negra”, que seriam moralmente censuradas no cotidiano, são expressas com menor pudor.

Adotando a clássica concepção de Duham (2004), que entende a cultura como um processo pelo qual os homens orientam e dão significados as suas ações através da manipulação simbólica, este ensaio vai se ocupar de compreender a importância desses rituais embebidos de significados sociais para a interpretação das relações raciais na cultura brasileira através do futebol. Nesse sentido, pergunta-se: quais seriam os pontos de convergência entre os jogos “Preto X Branco” idealizados nos anos de 1920-1930 e aqueles recriados a partir dos anos 1970 e que ainda são perpetuados até os dias atuais através de um grupo de amigos na cidade de São Paulo? Minha hipótese é que, a despeito do tempo e das motivações de cada contexto histórico, ambos convergem no sentido de ritualizar o drama racial brasileiro, um tema caro para a cultura nacional.

Em função disso vale dedicar algumas linhas para a compreensão dos ritos e dos rituais. Em contato com as fontes que me permitiram conhecer a idealização e os objetivos de ambos os eventos, pude enquadrá-los naquilo que DaMatta (1990) entende como um *ritual*, interpretando-os através das teorias das dramatizações e da ideologia. Sobre os rituais, DaMatta sugere tomá-los como

[...] manifestações para verificar seu significado social e sua posição ao longo de uma ideologia que tende a negar o tempo. Em outros termos, o domínio dos ritos e das fórmulas paradigmáticas que inventam e sustentam personagens culturais é a esfera daquilo que gostaríamos que estivesse situado ao longo ou mesmo fora do tempo. Daí por que os rituais servem, sobretudo na sociedade complexa, para promover identidade e construir seu caráter. É como se o domínio do ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores. Porque é o ritual que permite tomar consciências de certas cristalizações mais profundas que a própria sociedade deseja situar como seus ‘eternos’ (DAMATTA, 1990, p. 24).

Se o ritual se constitui como esse domínio privilegiado de manifestação daquilo que se deseja “eterno” numa sociedade, “ele surge como uma área crítica para se penetrar na ideologia e valores de uma dada formação social” (DAMATTA, 1990, p. 25). O ritual, diz o autor, é, entre outras coisas, um instrumento privilegiado para expressar coisas e relações já sabidas.

Como estudar os ritos e do que são feitos os rituais? Para o próprio DaMatta há dois modos de se estudar os rituais. Um deles é tomá-lo como uma resposta a fatores concretos, numa relação direta com eles, ou seja, no seu momento de chegada. A finalidade do ritual não deve ser a única opção de análise, mas sim o “conjunto de dramatizações que tornam o rito atraente e interessante, mais do que todo aparato necessário para sua realização” (*idem*, p. 33).

DaMatta ainda nos diz que o rito é um elemento privilegiado de tomar consciência do mundo e um veículo básico na transformação de algo natural em algo

social. Isso porque, para que essa transformação do natural em algo social possa ocorrer, uma forma qualquer de dramatização é necessária. É pela dramatização que tomamos consciência das coisas e passamos a vê-las como tendo um sentido, como sendo *sociais*³. Cabe ponderar aqui que os rituais do “Preto X Branco” dramatizam essa passagem do *natural* para o *social* uma vez que a divisão dos jogadores pela “raça” ou por determinados marcadores fenotípicos que permitem enquadrá-los como pretos ou brancos proporcionando partidas desta natureza, preche de valores sociais.

O modo básico de realizar tal coisa, essa elevação de um dado infraestrutural a coisa social é o que chamamos de ritual, cerimonial, festividade etc. O momento extraordinário que permite pôr em foco um aspecto da realidade e por meio disso mudar seu significado cotidiano ou mesmo dar-lhe um novo significado. Tudo que é “elevado” e colocado em foco pela dramatização é deslocado e assim pode adquirir um significado surpreendente, capaz de alimentar a reflexão e criatividade. O ritual tem, então, como traço distintivo à dramatização, isto é, “a condensação de algum aspecto, elemento ou relação, colocando-o em foco, em destaque” (*idem*).

DaMatta ensina ainda que o rito⁴, entre outras coisas, pode marcar aquele instante privilegiado onde buscamos transformar o particular no universal, o regional no nacional, o individual no coletivo ou, ao inverso, quando diante de um dado problema universal mostramos como o resolvemos de modo particular, nos apropriamos dele por

³ É pela dramatização que o grupo individualiza algum fenômeno, podendo, assim, transformá-lo em instrumento capaz de individualizar a coletividade como um todo, dando-lhe identidade e singularidade (DAMATTA, 1990, p. 31).

⁴ “O rito não se define somente pela repetição, que é um dado de toda a vida social, nem por uma fórmula rígida, pois existem rituais que abrem o mundo, pulverizando todas as regras. O rito também não é marcado por qualquer substância especial, que o transforma em algo individualizado e reificado. Ao contrário, tudo pode ser posto em ritualização porque tudo que faz parte do mundo pode ser personificado, e reificado. Menos que um problema de substância, o rito nos coloca um problema de contrastes; daí a necessidade absoluta de estudar o mundo social tomando como ponto de partida as relações entre seus momentos mais importantes: o mundo cotidiano e as festas; a rotina e o ritual; a vida e o sonho; a personagem real e a paradigmática” (DAMATTA, 1990, p. 31).

um certo ângulo e o marcamos como um dado estilo⁵. O ritual tende a criar o momento coletivo, fazendo sucumbir o individual e o regional no coletivo e no nacional.

A maioria das sociedades são marcadas por ritos comemorativos de algum evento especial, realizado por um grupo ou classe social bem definida, que é – por acordo geral ou pela força do poder – colocado acima de todas as diferenciações que tipificam tais sistemas, podendo representar toda a coletividade. Esses rituais que ajudam a construir, vivenciar e perceber um universo social frequentemente fragmentado por contradições internas, como uma totalidade. Enquanto criações sociais, os rituais são e refletem os problemas e dilemas básicos da formação social que os engendra⁶. Os rituais, desse modo, seriam “maneiras cruciais de chamar atenção para certos aspectos da realidade social, facetas que, normalmente, estão submersas pelas rotinas, interesse e complicações do cotidiano”. (DAMATTA, 1990, p. 35).

DaMatta entende que, no Brasil, há uma classificação dos eventos sociais segundo sua ocorrência: os eventos que fazem parte da rotina do cotidiano, chamado no Brasil de “dia a dia” ou simplesmente “vida”, e os eventos que são realizados fora desse “dia a dia” repetitivo e rotineiro, ou seja,

[...] as ‘festas’, os ‘cerimoniais’ (ou cerimônias), as ‘solenidades’, os ‘bailes’, ‘congressos’, ‘reuniões’, ‘encontros’, ‘conferências’ etc., onde se chama a atenção para o seu caráter aglutinador de pessoas, grupos e categorias sociais, sendo por isso acontecimentos que escapam da rotina da vida diária. (DAMATTA, 1990, p. 39)

⁵ É, parece-me, nesse jogo de transformação que uma sociedade se revela enquanto coletividade diferenciada; enquanto um grupo que se pode reconhecer como único e diferente dos outros. Daí porque, penso, o ritual é um dos elementos mais importantes para transmissão reprodução de valores (DAMATTA, 1990, p. 26).

⁶ Ao ritualizar algo do universo brasileiro, a chamada “realidade brasileira se desdobra diante dela mesma, mira-se no seu próprio espelho social e, projetando múltiplas imagens de si própria, engendra-se como uma medusa, na sua luta e dilema entre o permanecer e o mudar. [...] fundados na possibilidade de dramatizar valores globais, críticos e abrangentes da nossa sociedade”. (DAMATTA, 1990, p. 37)

Embora DaMatta não pretenda classificar os eventos sociais brasileiros, a discussão permite deduzir alguns princípios reveladores. O primeiro é a separação nítida que há entre um domínio do mundo cotidiano e outro: o universo dos acontecimentos extraordinários. A passagem de um domínio para outro é marcada por modificações no comportamento e tais mudanças criam as condições para que eles sejam percebidos como especiais. Este é o subuniverso das festas e solenidades:

[...] as festas, então, são momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores que são considerados altamente positivos. A rotina da vida diária é que é vista como negativa. Daí o cotidiano ser designado pela expressão *dia-a-dia* ou, mais significativamente, *vida* ou *dura realidade da vida*. Em outras palavras, sofre-se na *vida*, na rotina impiedosa e automática do cotidiano, onde o mundo é reprimido. [...] discutindo assim sobre o papel e os significados do ritual no contexto de uma sociedade complexa a fim de discutir o papel de cada grupo ou categoria social que patrocina tais eventos, como também o significado dessas possibilidades de esclarecer desses materiais oriundos da sociedade brasileira (DAMATTA, 1990, p. 42).

As festas podem se configurar objetos de estudo para o historiador. Tanto Le Goff (2003) quanto Nora (1993) sugeriram que as comemorações – consideradas “lugares simbólicos” – possuem um lugar na memória coletiva e na história. As festas são importantes para a sociedade na qual elas estão inseridas porque constituem um lugar de memória revivida e ritualizada no processo de identificação de indivíduos e grupos.

Diretamente relacionado aos significados que os moradores que residem na periferia de São Paulo atribuem às festas populares e às formas de lazer coletivo e de entretenimento que eles próprios idealizaram, perpetuaram e continuam ajudando a promover, este estudo sublinha o papel das comemorações, das celebrações e das festividades para o reforço da identidade nacional e para a contestação de valores

radicados na cultura brasileira que são alcançados através do potencial pedagógico das festas populares.

A festa é apenas uma das inúmeras “escolas” do povo (RIBEIRO JR., 1982, p. 11), onde a ordem vigente pode ser tanto reproduzida como invertida, através de um momento em que se dá palavra ao “outro”, criando ritualisticamente mundos novos com seus valores e relacionamentos. Para DaMatta (1990), é possível observar que, numa sociedade historicamente determinada, podem ser encontrados valores, relações, grupos sociais e ideologias que pretendem estar acima do tempo. A ideologia da festa “é a sua vivência e concepção como algo duradouro, perene e constante como a própria sociedade brasileira” (p. 28).

Podemos conceituar o mundo ritual como totalmente relativo ao que acontece no cotidiano. Uma ação que no mundo diário é trivial pode adquirir um alto significado (e assim “virar” rito) quando destacada num certo ambiente, por meio de uma sequência. Não é preciso repetir para que se crie o extraordinário. Basta que se coloque um ato numa posição especial. Nesse sentido o principal atrativo dos rituais do “Preto X Branco” é singularidade de opor pretos contra brancos. Certamente uma partida dessa natureza assume determinados significados para a cultura brasileira. Quais seriam?

O ritual do “Preto X Branco” se caracterizam por uma festividade que ocorre em um momento em que os valores que regem a vida cotidiana estão suspensos:

[...] zonas onde o tempo fica suspenso e uma nova rotina deve ser repetida ou inovada, onde os problemas são esquecidos ou enfrentados; pois aqui – suspensos entre a rotina automática e a festa que reconstrói o mundo – tocamos o reino da liberdade e do essencialmente humano. É nessas regiões que renasce o poder do sistema, mas é aqui que se pode forjar a esperança de ver o mundo de cabeça para baixo (DAMATTA, 1990, p.15-16).

Uma das formas dessa ritualização coletiva de questões caras à sociedade ocorre através de determinados eventos esportivos⁷, dentre os quais se inclui o futebol. DaMatta entende que o futebol brasileiro tem características de eventos dramáticos, onde o jogo é não só a roupagem que o encobre como também “adorna uma complexa trama de significados” (DAMO, 2003, p. 130). Os embates entre equipes que representam nações, clubes ou times dramatizariam os sentimentos de identidade e de pertencimento não apenas daqueles que estão em campo,

[...] mas sobretudo dos que participam do drama desde as arquibancadas. [...] Nos rituais dramáticos, caracterizados por um estado de ânimo alterado e, portanto, diverso do cotidiano, seriam expressos determinados sentimentos que não poderiam ser conveniente e convincentemente manifestos em outras esferas da vida social (DAMO, 2003, p. 130).

Cabe dizer que o ponto de partida de toda competição esportiva é sempre de simetria, de total igualdade, com os competidores se encontrando no mesmo plano, classificados horizontalmente, sem distinção hierárquica; ao final das disputas, que ocorrem a partir de regras que são as mesmas para todos (o que faz com que todos tenham as mesmas oportunidades), teríamos uma disjunção, em que os competidores, não mais horizontalizados, seriam verticalizados e hierarquicamente desiguais. Essa distinção é realizada dentro de um critério meritocrático que se justifica plenamente, uma vez que todos tiveram os mesmos direitos e oportunidades, a despeito das distinções de classe, raça, sexo ou religião (HELAL, 1990).

Diferentemente da ordem escravocrata, o esporte proporcionaria um duelo marcadamente democrático e liberal na medida em que ele se inicia e termina em

⁷ Daí as comemorações e, sobretudo, os ritos esportivos, onde a dialética da competição esportiva acaba por formar uma totalidade englobando por quem sai vitorioso e assim ‘come’, ‘papa’, ‘engole’ o adversário e toda a disputa. Isto é, engloba na vitória os outros indivíduos, passando a expressar o campeonato”(DAMATTA, 1990, p. 28).

condições de total igualdade entre os competidores. Engendrado por regras universais, o futebol se anunciava como um espaço onde os melhores teriam a oportunidade da vitória e que o sucesso seria possível para aqueles que se destacassem em determinada atividade. Apesar disso, não devemos tê-lo somente como um espaço progressista, como uma linguagem ritual que resolveria os conflitos do dia a dia, mas também como um universo integralizador e denunciador das nossas diferenças, “nos fazendo revelar os anseios, os temores e as contradições mais profundas da nossa cultura” (HELAL, 1990, p. 72).

Este estudo apresenta duas festividades criadas e recriadas no plano do lazer da sociedade brasileira e que ocorre mediada por uma partida de futebol. A idealização desses jogos possibilita pensar sobre os valores em torno desses rituais realizados no início do século XX e nos dias atuais. As primeiras impressões sinalizam que eles surgiram como manifestações angustiadas diante da discriminação e da vontade de mudar ordens que estavam colocadas em cada um dos contextos históricos em que eles ocorriam.

Se o preconceito de cor, o racismo e a discriminação persistem durante o cotidiano podendo ser dissimulados ou silenciados, esse jogo inverte essa ordem, na medida em que expõe e reforça a diferenciação pela cor da pele. Além disso, nesse ritual os indivíduos discriminados no dia a dia têm a possibilidade de participar de uma disputa em igualdade de condições, pois no campo esportivo as regras e oportunidades valem para todos.

A partir do interesse em entender o dilema brasileiro em torno da raça, os rituais esportivos do “Preto X Branco” vivenciados nos momentos de lazer proporcionam importantes contribuições para entender as razões “que coloca[m] a sociedade às voltas

consigo própria” (DAMATTA, 1990, p.14) e ajudam na discussão dos “caminhos que tornam a sociedade brasileira diferente e única, muito embora esteja, como outros sistemas, igualmente submetida a certos fatores sociais, políticos e econômicos comuns” (idem, p. 15).

Em relação ao jogo, poderíamos dizer que os times dramatizavam as maneiras como as raças eram e ainda têm sido representadas na cultura brasileira, bem como os sentimentos de identificação e diferenciação em torno delas. Podemos interpretar esses dramas através do ritual do “Preto X Branco”. Acompanho as elaborações de DaMatta (1990) sobre o significado do ritual do carnaval para a sociedade brasileira para melhor interpretar esses jogos. Para ele,

[...] é ali que nós, brasileiros, deixamos de lado nossa sociedade hierarquizada e repressiva, e ensaiamos a viver com mais liberdade e individualidade. Essa é, para mim, a dramatização que permite englobar numa só teoria, não só os conflitos de classes (que são compensados e abrandados no carnaval), como também a invenção de um momento especial que guarda com o cotidiano brasileiro uma relação altamente significativa e politicamente carregada (DAMATTA, 1990, p. 34).

Enxergo pela mesma perspectiva os significados do “Preto X Branco”. Podemos pensar que o ritual do “Preto X Branco” condensa as relações raciais na cultura brasileira reproduzindo-as e colocando-as em destaque através do futebol.

Preferi, inspirado em DaMatta, tomar o caminho da “comparação por meio de contrastes e contradições, procurando não o semelhante, mas o contrário e o diferente” (DAMATTA, 1990, p. 17). De fato, “diferenciado” é um adjetivo bastante adequado para o “Preto X Branco”, em qualquer uma das suas edições. Afinal, faz parte da “regra do jogo” dividir os 22 jogadores provenientes de uma sociedade altamente miscigenada como a brasileira entre pretos ou brancos. O reconhecimento de que o “Preto X Branco”

é “diferente”, “interessante”, “curioso”, ou outros cognatos, é recorrente em todas as fontes que se ocuparam dos eventos quaisquer que sejam as suas edições.

Interpretar os significados desses jogos ajuda a compreender, com base nos escritos de DaMatta, os fenômenos sociais que fazem do Brasil, Brasil⁸.

[...] ver o Brasil em sua especificidade é também procurar interpretá-lo pelo eixo de seus modelos de ação, paradigmas pelos quais podemos pautar nosso comportamento e marcar nossa identidade como brasileiros. É buscar entender nossas irmandades e associações populares, sempre voltadas para o alto e para fora do sistema, onde, com certeza, encontram seu lugar ao sol. É, enfim, descobrir que, ao contrário dos Estados Unidos, nunca dizemos ‘iguais, mas separados’, porém ‘diferentes, mas juntos’, regra de ouro de um universo hierarquizante como o nosso (DAMATTA, 1990, p. 16).

O “Preto X Branco” é uma alegoria dessa regra na medida em que os *diferentes* jogadores são diferentemente reconhecidos como pretos ou brancos, por isso estão em times diferentes, mas *juntos*, disputando uma partida de futebol. Se a sociedade brasileira, como ensinou DaMatta opera com a lógica do “diferente, mas junto”, o “Preto X Branco” marca a especificidade das relações raciais na cultura brasileira.

Os jogos “Preto X Branco” podem ser encarados como rituais esportivos que, num primeiro momento, oferecem uma resposta a fatores concretos, como preconceito de cor, discriminação racial e/ou racismo, mas se configuram como uma arena privilegiada de dramatização dos significados raciais na cultura brasileira. Talvez a soma desses dois fatores tenha contribuído para a reedição desses jogos, inicialmente idealizados para celebrar ritualisticamente o dia comemorativo da abolição, e, talvez, dar significado social ou lembrar que aqueles com a cor da pele escura possuem também o estatuto de cidadãos em uma nova ordem liberal e meritocrática.

⁸ *O que faz o Brasil, Brasil?* é o título de um dos livros de Roberto DaMatta (1986).

Nos anos finais da década de 1920 até 1931, os jogos “Preto X Branco” eram sempre agendados para o dia 13 de maio. Encontramos também informações sobre a realização dos jogos em 1938 e 1939. Quase 40 anos depois, sem que houvesse nenhuma relação com os primeiros jogos, surgiu, em outro contexto e com outras demandas, na maior cidade do país, mais um “Preto X Branco”. A partir da década de 1970 passamos a ter uma nova ritualização da diferença entre brancos e negros na capital paulista.

Há 38 anos, este jogo ocorre no campo do Flor de São João Clímaco, time de várzea da periferia da capital paulista, em um dos domingos que antecedem ao Natal. Talvez o fato de o tema racial – substância do jogo – ser um tema caro à sociedade brasileira faça com que o jogo seja tão interessante quanto às expectativas e elaborações criadas sobre ele. Basta lembrarmos algumas das adjetivações que os jogos receberam.

DaMatta (1990) salienta que é no ritual, sobretudo no ritual coletivo, que a sociedade pode ter (e efetivamente tem) uma visão alternativa de si mesma. É nele que a sociedade sai de si própria e ganha o terreno do ambíguo, onde não fica nem como é normalmente, nem como poderia ser, já que o cerimonial é, por definição, um estado passageiro. Mas esse estado passageiro talvez possa permanecer. Essa característica do ritual permite aproximar o “Preto X Branco” dos movimentos de mudança social.

Nas suas considerações sobre o lazer, Marcelino (2007) salienta que ele deve ser pensado como uma cultura vivenciada no tempo disponível entre as obrigações profissionais, escolares, familiares e sociais, combinando tempo e atitude. Abordando diversos conteúdos culturais, o lazer estabelece uma relação dialética com a sociedade, ou seja, a mesma sociedade que o gerou e exerce influência sobre seu desenvolvimento,

também pode ser por ele questionada, na vivência de seus valores. Assim, o lazer se configura, pois, como “um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para a ordem moral e cultural” (MARCELINO, 2007, p. 11), onde “são vivenciadas situações geradoras de valores que poderiam ser chamados de revolucionários” (*idem*, p. 19).

Pensemos sobre a continuidade e a relação entre as duas festividades do “Preto X Branco”, que, em cada temporalidade, convergem no sentido de contestar o preconceito no Brasil. Entre os primeiros jogos e o festival promovido há 38 anos pelo Flor de São Clímaco há um hiato de 33 anos, se assumirmos que o primeiro terminou em 1939 e que o segundo começou em 1972. Os atores que participam do segundo evento em nenhum momento rememoraram os jogos do começo do século XX, e, quando questionados, diziam desconhecer outra partida com a mesma temática promovida por eles, talvez até para manter a suposta originalidade do evento do qual são organizadores.

Enquanto o primeiro evento se originou de uma iniciativa de uma liga que se constituiu a partir da insatisfação de alguns clubes diante da política do futebol paulista e que não possuía nenhuma forma de recompensa financeira para a equipe vencedora, o segundo surgiu espontaneamente a partir da ação de moradores da periferia daquela mesma capital. No primeiro caso, dividiam-se os diversos matizes étnicos formadores da cultura brasileira em um time de “brancos” e outro de “pretos” para celebrar o fim da escravidão e a emancipação política dos negros; no segundo, o motivo de comemoração é celebrar a amizade entre moradores da periferia de São Paulo.

As datas nas quais os eventos ocorrem expressam os diferentes significados do “Preto X Branco”. Realizar os primeiros jogos sempre do dia 13 de maio fazia todo

sentido naquele período uma vez que o Brasil havia formalizado o fim da escravidão, há quase 40 anos; já os segundos acontecem às vésperas do natal e valorizam a amizade e a confraternização. O Brasil é considerado o maior país católico do mundo de modo que o Natal torna-se uma data bastante celebrada e o ritual do “Preto X Branco” aparece como parte dessas celebrações.

A força desse jogo em ambas as épocas se dá pelo apelo simbólico construído em torno dele, reacendendo em cada uma das épocas o debate a respeito da relação entre brancos e negros na cultura brasileira. Esse é um dos pontos de convergência entre as duas versões do “Preto X Branco”. Por isso, pode-se arriscar a dizer que, apesar de seus diferentes contextos históricos, as festividades em torno dos jogos convergiam em torno de um valor: destacar a integração entre brancos e não brancos e lembrar que o racismo no país da miscigenação fere um dos valores da brasilidade.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. **O “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol**. 391 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2010.
- DAMATTA, R. **O que faz do brasil, Brasil?** 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- _____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990.
- DAMO, A. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, maio/agosto de 2003.
- DUHAM, E. **A dinâmica da cultura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- HELAL, R. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.
- MARCELINO, N. C. Lazer e cultura: algumas aproximações. In.: _____. (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007.

NORA, P. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Projeto História, n.10. São Paulo: PUC/SP, 1993.

RIBEIRO Jr. J. C. N. R. **A festa do povo:** pedagogia de resistência. Petrópolis: Vozes, 1982.

Endereço dos Autores:

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão
Rua Chefe Pereira, 261/ 03 – Serra
CEP 30240-150 – Belo Horizonte – MG
Endereço Eletrônico: bolabra@gmail.com